



VII ENLIJE

VALORES SOCIAIS E HUMANOS NO PATRIMÔNIO LITERÁRIO NACIONAL: UMA ABORDAGEM DA INTERTEXTUALIDADE NUMA ESCOLA DE FORMAÇÃO DA MARINHA

Ronaldo Miguel da Hora

Escola de Aprendizes-Marinheiros de Pernambuco (EAMPE)

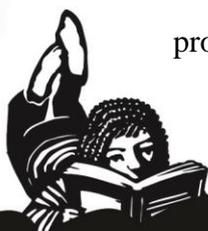
ronaldodahora@gmail.com

Resumo: Este é um relato de uma experiência didática, realizada em três semanas com um total nove tempos de aula de 45 minutos de duração, voltada ao incentivo da leitura, desenvolvido numa instituição de ensino da Marinha do Brasil, através do uso da intertextualidade como uma relevante estratégia para o planejamento de práticas pedagógicas de língua portuguesa, visando a uma melhoria nas atividades de sala de aula, o que contribui para o processo de ensino-aprendizagem da leitura literária e produção de textos. O objetivo geral dessa experiência foi produzir intertextos a partir da leitura de textos que apresentam o Brasil como pátria e o orgulho de ser brasileiro. Os objetivos específicos foram acionar os recursos lexicais de linguagem figurada para interpretar textos, relacionar o tema comum presente nos textos e reconhecer os elementos estruturais do gênero poesia. Partiu-se da leitura de uma tirinha de Mafalda a fim de enfatizar a questão das virtudes/attitudes de um patriota com indagações aos alunos. Em seguida foram utilizados os textos Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, o Hino Nacional brasileiro e a Canção do Marinheiro, a fim de discorrer sobre os pontos em comum dos três textos trabalhados, retomando as virtudes dos brasileiros, apontadas pelos alunos. Com a percepção de que nossa fala é entrecortada de outras tantas falas, segundo Mendes (1994), o que se consiste em assegurar que há uma relação existente entre textos diversos, os alunos descobriram os valores sociais e humanos nesses textos como patrimônio literário nacional. Como muitos desses alunos da Escola de Aprendizes-Marinheiros de Pernambuco são oriundos de diversos estados, eles foram encorajados a produzirem sua “canção do exílio” e perceberam o quanto é possível recorrer a outros textos, se considerarmos que todo dizer sempre remete a outro(s) dizer(es). Hora (2006), apud Silva (2005), comprova essa abordagem quando aponta a produção de intertextos como uma das alternativas do professor diante da leitura literária, o que estimula a interdisciplinaridade enquanto o aluno assume o papel de coprodutor do texto a partir de sua leitura.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas, Leitura Literária, Produção de Textos, Intertextualidade.

1. Introdução

O presente trabalho configura uma abordagem pedagógica do uso da intertextualidade em sala de aula, vista como uma relevante estratégia para o planejamento de atividades de professores de língua portuguesa, visando a uma melhoria nas práticas de sala de aula, o que contribui para o processo de ensino-aprendizagem da leitura literária e produção de textos.





VII ENLIJE

É a descrição de uma experiência de sala de aula numa instituição de ensino da Marinha do Brasil, vivenciada na Escola de Aprendizes-Marinheiros de Pernambuco, localizada em Olinda – PE, instituição essa que é pautada no princípio da disciplina e hierarquia.

A motivação para essa pesquisa partiu do tema das aulas desenvolvidas em sala que apontava para os “valores sociais e humanos no patrimônio literário nacional”, de acordo com o Currículo de Curso de Formação de Marinheiros para a Ativa, aprovado desde 2017 e atualizado em 2018.

O objetivo geral dessa experiência foi produzir intertextos a partir da leitura de textos que apresentam o Brasil como pátria e o orgulho de ser brasileiro. Os objetivos específicos foram acionar os recursos lexicais de linguagem figurada para interpretar textos, relacionar o tema comum presente nos textos e reconhecer os elementos estruturais do gênero poesia.

Essa experiência será relatada nas próximas etapas deste artigo e terá como suporte temático a questão do patriotismo apresentado nos textos utilizados em sala de aula, o que levou os alunos a perceberem o dialogismo presente nos enunciados, o que apontou para uma produção de textos baseados nas leituras de textos poéticos. Dessa forma, os alunos puderam perceber que

Pelos caminhos da intertextualidade cruzamos textos do passado que se encontravam adormecidos, outros que pareciam esquecidos ou apagados pelas cinzas do tempo. Procuramos reavivar todos, trazendo-os para os nossos dias, mostrando como certos textos atuais mergulharam em fontes poéticas de outrora para alimentar seus desejos criativos de hoje (VIANA, 2002b, p. 10).

2. Percursos teórico-metodológicos

Foram traçados os seguintes tópicos para descrição desta experiência:

2.1 Passo a passo da experiência

Esta experiência didática foi desenvolvida em 9 (nove) tempos de aula, com duração de 45 minutos cada, no convívio escolar de alunos da Escola de Aprendizes-Marinheiros de Pernambuco, uma instituição de ensino da Marinha do Brasil, pautada na avaliação classificatória, de sistema de ensino tradicional, que preza pela disciplina e pela hierarquia.





VII ENLIJE

De acordo com currículo das Escolas de Aprendizes-Marinheiros, apresentado pela Diretoria de Ensino da Marinha, os conteúdos são abordados na temática por competências. Abaixo tem-se a descrição dos objetivos apontados neste currículo.

Tabela1: Currículo de Formação de Marinheiros

COMPETÊNCIA TÉCNICA	21-Interpretação de recursos expressivos das linguagens relacionando textos com sua área de atuação.
INDICADOR	21.1 - Estabelecer relações entre os diferentes gêneros textuais e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico e sociocultural. 21.2 Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	21.2.1 - Comparar textos. 21.2.2 - Acionar os recursos lexicais de linguagem figurada para interpretar textos.
CONTEÚDOS	Análise textual- eixo patriotismo/ virtudes (Textos: Hino Nacional, Canção do exílio, Canção do Marinheiro - Cisne Branco). - Texto poético, características e uso social. - Figuras de linguagem

Fonte: MARINHA DO BRASIL. Diretoria de Ensino da Marinha. 2018.

2.2 Material utilizado

2.2.1 Pré-Textual

- Charge da Mafalda



<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/25/imagens/i224286.jpg>.> Acesso em 09.09.2016.

A partir da leitura da charge acima, os alunos foram instigados a responder aos seguintes questionamentos: O que é ser patriota? Mafalda parece patriota? Por quê? O que é ser patriota todos os dias? Quais as virtudes/atitudes de um patriota? O que é patriotismo?

Em seguida, com o auxílio do power point, foi apresentada a definição de patriotismo, defendida no dicionário Houaiss: “Que ou aquele que ama a pátria e a ela presta serviços”.





2.2.2 Textual

Foram sugeridos os seguintes textos pelo currículo da Escola:

- Canção do Exílio, de Gonçalves Dias
- Hino Nacional Brasileiro
- Canção do Marinheiro (*Cisne Branco*) – o Hino da Marinha, bastante tocado e cantado durante as cerimônias e atividades escolares.

Para que o trabalho de interpretação e compreensão dos textos pudesse ganhar mais dinâmica, foram adotados os seguintes passos:

- Os pelotões(classes) tiveram 5min para se dividir em cinco grupos.
- Cada grupo recebeu apenas um dos três textos que foram trabalhados e, desta forma, houve dois textos que foram repetidos para os últimos grupos.
- Os alunos tiveram 20 min para ler e discutir quais foram as suas primeiras impressões sobre o que entenderam dos textos. Assim:
 - a) durante a discussão, tiveram que eleger alguém do grupo para apresentar a leitura do texto à turma, respondendo aos questionamentos iniciais da aula;
 - b) o grupo criou uma explicação para a relação entre o título e o texto e em que momento do texto a ideia de patriotismo ganha mais força.
- Cada grupo teve 5 min para apresentar sua leitura e interpretação.

As principais características dos textos poéticos foram apresentadas ao longo das apresentações dos alunos pelo professor pesquisador, que transcorreu desde as figuras de linguagem presentes nos textos até os casos de versificação.

Os alunos puderam notar que a leitura de um poema oferece uma ampla gama de possibilidades. Assim, o texto poético costuma ter uma característica única: expressa sentimentos dirigidos para comover o leitor. Sua forma gráfica se apresenta em versos acompanhados de espaços em branco. Por outro lado, as palavras incorporam certa musicalidade e um sentido do ritmo implícito.

2.3 Embasamento Teórico

Após os alunos perceberem que os textos apresentavam certa dialogicidade temática e estrutural, foi utilizado o que Hora (2016) elencou para definir a intertextualidade, a partir das leituras realizadas em sua pesquisa.





VII ENLIJE

Para perceber o princípio dialógico da linguagem, comungamos com Bakhtin (2003, p. 291; 2012), para quem “cada enunciado é um elo da cadeia de outros enunciados”. Com essa afirmação, os alunos já perceberam que nosso discurso é entrecortado por outros tantos discursos, que nossa fala é mediada por outras tantas falas.

Pode-se levar em consideração a contribuição da Teoria Literária a respeito do fenômeno da intertextualidade, pois, segundo Kristeva (1974, p. 64), “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Semelhante a essa afirmação, Viana (2000; 2002a, p. 161; 2002b), define a intertextualidade como “a reescrita de textos alheios”.

Para comentar esse fenômeno, foi necessário levar o aluno ao prazer da leitura literária num ambiente tradicional de ensino, pautado na disciplina e hierarquia. Pôde-se perceber que o prazer pela leitura também pode ser ensinado, segundo Kleiman e Moraes (1999, p. 129), a partir da ideia de que “uma abordagem de leitura deve levar o aluno ao prazer da descoberta. Para isso, a leitura deve ser encarada como um jogo, uma atividade lúdica que exige o engajamento cognitivo”. Este engajamento deve ser criado a partir das considerações de Dalvi (2013, p. 89), para quem, sempre que possível, faz-se necessário “atualizar o texto literário, entendendo que não há compreensão original ou sentido único a ser atingido. Todo texto literário pede para ser reinventado”.

É o que Grésillon & Maingueneau (1984) chamam de “détournement”, ou seja, substituições, supressões, acréscimos, transposições. É essa transposição do texto para suas diversas reescritas a qual se faz tão fecunda no ensino da leitura literária na escola atual. Por isso, uma das alternativas do professor diante da leitura literária é apontada por Hora (2006, p. 70) apud Silva (2005) como investir no ensino de literatura a partir de uma perspectiva intersemiótica, promovendo o diálogo entre literatura e outras artes.

A partir da Linguística Textual, podemos afirmar que a leitura do texto literário passa por uma relação direta com a intertextualidade, vista por Koch, Bentes & Cavalcante (2008); Koch & Elias (2017a: p. 101); Koch (1985; 1991; 1997; 2001; 2002) – como um

princípio segundo o qual todo texto remete sempre a outro ou a outros, constituindo-se como uma ‘resposta’ ao que foi dito ou, em termos de potencialidade, ao que ainda será dito (...). Em sentido restrito, todo texto faz remissão a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte da memória social dos leitores.





VII ENLIJE

Segundo Hora (2017), diante das novas ferramentas de comunicação, do predomínio do signo icônico, dos desafios que a literatura enfrenta no mundo contemporâneo, a escola precisa reavaliar as atividades que desenvolve para incentivar a leitura literária no uso da intertextualidade. Em decorrência das frequentes e rápidas mudanças contextuais, além das novas propostas curriculares, acredita-se que os professores sentem a necessidade de repensar constantemente sua prática pedagógica com base em algum suporte teórico-metodológico.

Há de se concordar com Silva (2005, p. 85), quando recorda que, em geral, os documentos produzidos como referencial para os professores, os PCN, por exemplo, apresentam apenas contribuições teóricas, mas não discutem, em termos metodológicos, como os educadores poderiam articular a teoria à prática em sala de aula. Foi assim que, pensando em diminuir a distância entre teoria e prática, propôs-se uma reflexão sobre como a literatura poderia ser abordada em sala de aula, tendo em vista as contribuições do dialogismo da linguagem defendidas neste artigo, com vistas à intertextualidade.

Segundo Kleiman e Moraes (1999, p. 66), apud Hora (2017), o livro didático, quando usado como única fonte de conhecimento na sala de aula, favorece a apreensão fragmentada do material, a memorização de fatos desconexos e valida a concepção de que há apenas uma leitura legítima para o texto.

Quando não ocorre assim, o professor, muitas vezes, leva um texto, às vezes, sem referência alguma, e o copia na lousa, o que toma todo o tempo da aula, para, em outra oportunidade, responder a questões de coleta de informações superficiais e análises gramaticais e estilísticas.

O que acontece, muitas vezes, é que o aluno não tem espaço para inferir e selecionar pontos relevantes a partir da recepção, em atividades como essas. Ele não consegue interagir com o texto, pois seu papel dinâmico de leitor é subestimado, sufocado pela leitura imposta do professor e pelos roteiros de interpretação dos manuais didáticos.

Dessa forma, em meio à imposição das leituras idealizadas pelos professores e pelos livros didáticos, constrói-se o mito de que a leitura literária é difícil, complexa e inacessível para os alunos, subestimando-se sua capacidade interpretativa.





VII ENLIJE

3. Resultados e Discussões

Ao final de um processo de leitura de textos “patriotas”, os militares (AM) encorajados a produzirem sua “canção do exílio”, tornaram-se coprodutores de intertextos literários, seja paródia ou paráfrase, cantando sua terra natal. Um dado relevante para a produção textual foi o fato de os alunos serem oriundos de diversos estados serem encorajados a produzirem sua “canção do exílio”, por isso perceberam o quanto é possível recorrer a outros textos, se considerarmos que todo dizer sempre remete a outro(s) dizer(es). Essa produção foi também incentivada pela leitura dos textos:

1. Pátria:

“Todos cantam sua terra,
também hei de cantar a minha” (C. de Abreu)

2. Canção do Expedicionário:

“Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá” (Exército Brasileiro)

3. Canto de regresso à pátria, de Oswald de Andrade

“Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo”

Algumas das alternativas do professor, diante da leitura literária, são apontadas por Hora (2006, p. 70) apud Silva (2005), como:





VII ENLIJE

1. A partir do trabalho com a interdisciplinaridade, incentivar a produção de resenhas, paródias, resumos e textos literários como uma forma de o aluno recriar o intertexto literário e assumir o papel de coprodutor do texto a partir de sua leitura;
2. Investir no ensino de literatura a partir de uma perspectiva intersemiótica, promovendo o diálogo entre literatura e outras artes.

O que acontece, muitas vezes, é que o aluno não tem espaço para inferir e selecionar pontos relevantes a partir da recepção, em atividades como essas, em muitas unidades de ensino. Ele não consegue interagir com o texto, pois seu papel dinâmico de leitor é subestimado, sufocado pela leitura imposta do professor e pelos roteiros de interpretação dos manuais didáticos.

Dessa forma, em meio à imposição das leituras idealizadas pelos professores e pelos livros didáticos, constrói-se o mito de que a leitura literária é difícil, complexa e inacessível para os alunos, subestimando-se sua capacidade interpretativa.

Eis algumas canções do exílio produzidas pelos alunos:

1. Canção da realidade

Minha terra arde o sol
Que na pele “morenará”
Esse sol que pede praia
Cachoeira, água de coco e mar.

Nesse céu de pleno azul
Que à noite brilhará
O som do carro alto
Que nos “becos” ecoará

Onde madrugadas frias
Tudo ocorrerá, um sabiá
Que voa não sabe se irá voltar.

Minha terra tem terrores
Que em outras não existirá
O sabiá que voa...
Nunca mais irá voltar.
(AM – 3216 – FIRMO)

2. Minha terra

Minha terra tem quiosques,
Onde água de coco eu tomo de frente ao mar;
O samba que aqui eu danço não tem em outro lugar.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nosso Cristo tem mais cores,





VII ENLIJE

Nossos metr6pole tem de tudo,
Nossa vida mais amores.

Em caminhar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem 6guas geladas,
Onde posso me banhar.

Minha terra tem o "Erre",
Que jamais encontrarei cá;
Em caminhar sozinho, à noite
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem simpatia,
Como o Sr. Sabi6.

N6o permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para l6;
Sem que disfrute da cultura
Que n6o encontrarei em outro lugar;
Sem que eu admire a morena,
Com seu corpo a sambar.
(GR – 3216 – FIRMO)

3. Can66o do Carioca

Minha terra tem lindas praias
Que todos desejam visitar,
As pessoas, que j6 vieram,
Tendem a retornar.

Nossas paisagens emocionam as pessoas
Sobre as quais n6o conseguem se expressar,
Olhando essas divindades come6am a chorar.

Em andar na orla à noite
Come6o a observar
Como 6 lindo
Esse belo mar!
(GR 2209 – BREND0)

4. Meu Pernambuco

Minha terra n6o 6 s6 seca,
Como te fizeram pensar
Temos a faixa litor6nea,
Tubar6o tem sim por l6

Nossas praias, as mais quentes,
Nosso povo hospitaleiro
Daqui saiu um presidente
Que roubou o Brasil inteiro.





VII ENLIJE

Coração do meu Brasil
De Pernambuco vim falar
Lembro bem da sua Asa Branca
Com o Rei do Baião a cantar
(GR 2230 – ADRIEL)

5. Pobre trabalhador

Minha terra tem tiroteio
E quem comanda é o Sabiá
Chefe de tráfico no morro
O famoso morro do Arará
De madrugada é que começa
O fuzuê e o zum zum zum
E lá do alto do morro
O fuzil canta papum
Era mais uma tentativa
Uma nova invasão
Subindo pelas vielas
Rivais de outra facção.

Não permita Deus que eu morra
Nas mãos desta quadrilha
Logo eu, um jovem negro
Em busca de pão para minha família
Saindo às 4 da manhã
É no centro do Rio que vou trabalhar
Na esperança de um belo dia
Na mega-sena ganhar.

Minha terra tem gente pobre
Que está sempre a orar
Pedindo a Deus que no caminho
Nenhuma bala perdida possa encontrar.
(GR 2225 – BISERRA)

6. A beleza da minha terra

Minha terra tem um sol que ilumina toda gente
Tem um céu que é azul e de noite a sul se estende
Tem praias e tem lagoas, montes e morros
Tem samba e pagode, bossa e choro
Minha terra é de um povo feliz e sorridente
Que vive de braços abertos para acolher o visitante
Se for à minha terra aproveite cada instante.

Minha terra não é só beleza
Também tem suas tristezas
Mas, ao lembrar de minha terra,
Quero lembrar de seu primor
Pois se há tristeza em minha terra
Também existe nela amor.





VII ENLIJE

(GR 2210 – PAULO VICTOR)

7. Escola Querida

Ontem acordei triste
Com vontade de ir embora
Pensei até em desistir
Tentar a vida lá fora.

Mas lembrei da minha mãe
Que sempre me dava apoio
Dizendo “nunca desista, meu filho.
Seu sonho é valioso”.

Foi onde minha ficha caiu
A minha casa é aqui!
EAMPE, minha vida
Jamais irei desistir.

Guerreiro sonhador
Minha vitória está chegando
Vou honrar minha família
Pessoas as quais mais eu amo.

EAMPE, obrigado por me acolher
O que eu aprendi aqui
Um homem me fez ser!

EAMPE, EAMPE
EAMPE querida
Já até sinto a dor
De ter que dizer-te adeus um dia.

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para cá
Pernambuco ilibado
Eu aprendi a te amar.
(GR 2213 – DOUGLAS MARTINS)

4. Conclusões

A partir dessa produção textual, é inegável a importância da noção de intertextualidade na atividade de leitura e construção de sentido, defendida por Koch (2017b, p. 96) e abordagem da intertextualidade no ensino da produção escrita, segundo Koch (2017a, p. 125).

Hora (2006), apud Silva (2005), comprova essa abordagem quando aponta a produção de intertextos como uma das alternativas do professor diante da leitura literária, o que estimula a interdisciplinaridade enquanto o aluno assume o papel de coprodutor do texto a partir de sua leitura.

Uma atividade como essa abre horizontes para que outras unidades de ensino militar também possam aderir a essa temática de leitura e produção de texto literário. Assim, a

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





literatura deixará de ser algo a ser venerado, contemplado e inacessível para se tornar objeto interdisciplinar no convívio dos discentes. Isso é o que comprova, segundo Kleiman e Moraes (1999, p. 66), apud Hora (2017), que o livro didático, quando usado como única fonte de conhecimento na sala de aula, favorece a apreensão fragmentada do material, a memorização de fatos desconexos e valida a concepção de que há apenas uma leitura legítima para o texto.

5. Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13^a. ed. 1^a reimp. São Paulo: Hucitec, 2012.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: ____; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.) **Leitura de Literatura na Escola**. Série Estratégias de Ensino 39. São Paulo: Parábola. 2013, p. 67-97.

GRÉSILLON, A.; MAINGUENEAU, D. Polyphonie, proverbe et détournement, ou un proverbe peut en cacher un autre. In: **Langages**, 19^e année, n^o73, pp. 112-125, 1984.

HORA, Ronaldo Miguel da. Intertextualidade na Escola a partir de poemas de Manuel Bandeira. In: AMARAL, Cirinea & MARTINS, Ivanda. **Laços Multiculturais**. Recife: Baraúna. 2006, pp. 67-77.

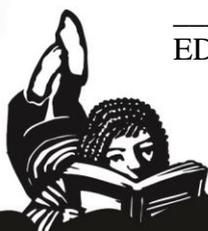
HORA, Ronaldo Miguel da. **Características da abordagem do fenômeno da intertextualidade nas práticas pedagógicas de educadores de literatura do ensino médio do turno da noite, na Escola Estadual Fernando Soares Lyra, em Pernambuco – Brasil, 2015**. Assunção: Universidad del Sol: Facultad de Postgrado: Maestría en Ciencias de la Educación. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, 2016. Orientador: Prof. Dr. Juan Ireneo Barreto.

HORA, Ronaldo Miguel da. Implicações pedagógicas do uso da intertextualidade no ensino de literatura no ensino médio. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS, 4., 2017, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: Realize Eventos e Editora, 2017. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/sinalge/trabalhos/_EV066_MD1_SA18_ID165_23032017233304.pdf> Acesso em: 25 ago. 2018.

KLEIMAN, A; MORAES, S. E. **Leitura e Interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça. A intertextualidade como critério de textualidade. Em: FÁVERO, L. L.; PASCHOAL, M. S. Z. (Orgs.). **Linguística textual**: texto e leitura. São Paulo: EDUC, 1985, pp. 39-46 (Série Cadernos PUC, n.22).

_____. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? **D.E.L.T.A.** 7, v.2, São Paulo, EDUC, 1991, p. 529-541.





VII ENLIJE

_____. O texto e a (inevitável) presença do outro. **Letras**, n. 14, Universidade Federal de Santa Maria, pp. 107-24, 1997.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed., 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2017a.

_____; _____. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3. ed., 12ª. reimp. São Paulo: Contexto, 2017b.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MARINHA DO BRASIL. Diretoria de Ensino da Marinha. **Currículo de Formação de Marinheiros: (C-FMN): 1ª Fase**. Rio de Janeiro: DEnsM, 2018.

MENDES, Nancy Maria. Intertextualidade: noções básicas. Em: PAULINO, Graça; WALTY, Ivete (Orgs.). **Teoria da Literatura na Escola: atualizações para professores de 1º e 2º graus**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.

SARMENTO, Leila Lauar. **Oficina de Redação**. 4ªed – São Paulo: Moderna, 2013.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em Sala de Aula: da teoria à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005.

VIANA, Antônio Fernando. **Intertextualidades Poéticas: assim cantavam os sabiás**. 2ª. ed. Recife: Nadgraf, 2001.

_____. **Alguma Poesia Sabiás e Canções: pelos caminhos da intertextualidade**. Recife: Nova Presença, 2002a.

_____. **Vestígios da França em Manuel Bandeira: no itinerário de Recife a Paris**. Recife: Nova Presença, 2002b.

